

**Resumo T7 do livro “Pela mão de Alice”, capítulo 10: “O Norte, o Sul e a Utopia”, texto “O espaço-tempo mundial”, por Boaventura de Sousa Santos (1994).**

Gabriel Chico

com contribuições dos grupos e do professor

Boaventura distingue quatro constelações de relações sociais que designa por espaços-tempo estruturais: *doméstico; produção; cidadania e; mundial*. O texto estudado está focado no espaço-tempo mundial, no qual notadamente a globalização da economia intensifica as interações transnacionais.

Antes de discutir as questões-chaves deste espaço-tempo mundial, Boaventura identifica diferentes posicionamentos de cientistas sociais que “não se tem furtado à abordagem dos problemas fundamentais da sociedade contemporânea”, ressaltando que não propõe uma ordem hierárquica de importância destas abordagens.

O primeiro grupo se constitui de pensadores que consideram que o problema mais fundamental da sociedade liberal moderna dos últimos cem anos teria sido a oposição radical que lhe foi dirigida pelos movimentos socialista e comunista. Concluem, no entanto, que a sociedade liberal moderna neutralizou essa oposição e resolveu todos os grandes problemas que lhe foram postos: estaríamos, assim, perante o fim da história. Segundo outra posição, o problema fundamental da sociedade capitalista avançada é justamente o de não ser possível pensar os problemas fundamentais. A sociedade de consumo, a cultura de massas e a revolução da informação e da comunicação superficializaram as condições de existência e os modos de pensar. Adverte o sociólogo que muitas concepções pós-modernistas “reconfortantes” estimam que tal superficialização não seria necessariamente um mal, seria um fato, podendo ser até mais benéfico do que o contrário.

Um terceiro grupo privilegia o questionamento dos pressupostos científicos da modernidade. Defende-se aqui que foram esses próprios pressupostos, bem como o tipo de racionalidade cognitivo-instrumental e de conhecimento técnico-científico, os grandes responsáveis pelo abandono da reflexão sobre os problemas fundamentais. Por último, um grupo heterogêneo de cientistas, defende que o problema fundamental da sociedade contemporânea reside no esgotamento das potencialidades de desenvolvimento social. A análise dos problemas fundamentais de nosso tempo por Boaventura Santos se inspira nas posições dos dois grupos de cientistas sociais apresentados neste parágrafo.

Com tal ótica, o problema fundamental do espaço-tempo mundial é a crescente e presumivelmente irreversível polarização entre o Norte e o Sul (países centrais e periféricos) no sistema mundial. Tal problema comporta uma enorme pluralidade de vetores. Três deles são

salientados no texto: *a explosão demográfica, a globalização da economia e a degradação ambiental.*

Quanto à explosão demográfica, o fato mais decisivo é que essa explosão tem lugar em esmagadora medida nos países periféricos. Como exemplo, a população da África, que em 1985 era cerca de metade da população da Europa, será provavelmente em 2025 três vezes maior que a população do continente europeu.

A explosão demográfica torna-se um problema quando produz um desequilíbrio entre a população e os recursos naturais e sociais para sustentá-la adequadamente. Considerando a análise malthusiana, Boaventura descreve três vias históricas de solução positiva para essa explosão: *emigração maciça, aumento da produtividade da terra e aumento da produtividade do trabalho com a revolução industrial.* Em teoria, com terras cada vez mais devastadas e indústrias sempre menos competitivas no mercado internacional, só restaria aos países do Sul a via da emigração. Entretanto, na prática, essa via está bloqueada: controle das fronteiras, racismo, xenofobia e protecionismo lhe são obstáculos contemporâneos.

No que se refere à globalização da economia, observam-se alguns traços patentes: *a primazia total das empresas multinacionais e o avanço da biotecnologia.* A primazia das empresas multinacionais implica na erosão da eficácia do Estado na gestão macroeconômica, sem a qual a transnacionalização da economia não é possível. As multinacionais, dotadas de um poder de intervenção global e se beneficiando da mobilidade crescente dos processos de produção, colocam em concorrência dois ou mais Estados ou mesmo regiões de um mesmo Estado sobre as condições que decidirão o local do investimento por parte da multinacional. A propósito, este fenômeno se associa especialmente com o deslocamento da produção mundial para a Ásia. Convém realçar aqui que a economia mundial cresceu mais do pós-guerra até hoje do que em toda a história mundial anterior.

Quanto à evolução biotecnológica, que tem sido promovida como a grande solução para o problema alimentar mundial (sem a devida verificação de seus impactos ambientais, sanitários e sociais), existe um grave problema: é levada a cabo por empresas multinacionais, que sujeitam as descobertas biotécnicas a patentes e privam dos seus benefícios todos que não podem pagar *royalties.*

No que diz respeito à degradação ambiental, de todos os problemas enfrentados pelo sistema mundial, talvez esteja aqui o mais intrinsecamente transnacional. Portanto, dependendo da forma como for enfrentado, pode tanto redundar num conflito global entre Norte e Sul, como pode ser a plataforma para um exercício de solidariedade transnacional e intergeracional

Os países do Norte “especializaram-se” em poluição industrial e em exportá-la para os países do Sul, onde as leis ambientais são menos rígidas, quer sob a forma de lixo tóxico, quer através da transferência de indústrias mais poluentes. Por outro lado, o aumento

excessivo do consumo implica em grande desperdício de recursos naturais e de abundante produção de lixo. Ademais, a ocupação da terra (pela agricultura industrial e por cidades em crescimento constante) ocorre em detrimento dos espaços verdes e naturais, provocando mudanças ambientais irreversíveis que nem todos os países terão condições de custear.

A gravidade do problema ambiental reside, antes de tudo, em como afetará as próximas gerações, o que forçosamente exige soluções de longo prazo e pautadas em solidariedade intergeracional. Entretanto, tal perspectiva é incompatível com processos político-econômicos internacionais, dominados pelo mercado financeiro, que exige lucros imediatos, em detrimento do bem estar futuro.

Esta reflexão sobre os problemas fundamentais da humanidade é concluída com a apresentação de quatro grandes dilemas:

1. O capitalismo beneficia poucos, mas seus custos são cobrados de todos. Mesmo fundado em modelo insustentável, o consumismo capitalista constitui um modelo planetário de bem-estar.
2. A solidariedade com a população mundial e as gerações futuras é completamente negligenciada em razão de cálculos econômicos imediatistas e de uma lógica econômica voltada à satisfação de minorias.
3. A erosão do poder de regulação dos Estados não foi compensada por aumento de poder de instâncias transnacionais.
4. Estas últimas são regidas por interesses de poucos países, de forma pouco democrática.

Apesar de tudo, há muitas iniciativas de movimentos sociais (fundadas em projetos emancipatórios com vistas a assegurar a dignidade humana), cujo desafio maior é conferir estatura transnacional aos seus propósitos. Entre estas experiências, convém mencionar a economia solidária e colaborativa. Trata-se de sistemas produtivos fundados em princípios de solidariedade, democracia, cooperação, comércio justo, crescimento sustentável, preservação ambiental e; direitos humanos.

### **Referências adicionais**

SANTOS, Boaventura de Sousa (2002). *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.